

Berggasse 19

*Revista de Psicanálise da Sociedade Brasileira
de Psicanálise de Ribeirão Preto*



Vol. X no. 1 2020

ISSN 2177-3033

A história de um colecionador: *memórias-arquivo* em direção às *memórias-sonho*

Martha Maria de Moraes Ribeiro¹, Ribeirão Preto.

Resumo: A autora parte de uma vivência clínica inusitada com um analisando capaz de exumar corpos de seus antepassados, tal qual no mito do Cemitério Real de Ur, descrito por Bion, para tecer conjecturas sobre as vicissitudes do trabalho de luto, na clínica contemporânea. Utiliza modelos literários e míticos para conjecturar sobre a importância de a capacidade do analista cultivar livre trânsito mental para colaborar com o analisando na direção de transcender das *memórias-arquivo* (saturadas e saturantes) para as *memórias-sonho* (livres e libertadoras).

Palavras-chave: luto; rêverie; curiosidade estúpida; memória-arquivo; memória-sonho.

Caminho pelas vias e pelo gramado, assinalo o contraste entre as lápides bem polidas, enfeitadas com muitas flores, e as que perderam a cor brilhante, substituída por um melancólico cinza. Ao vê-las, reforço a certeza da finitude que a todos espera, como se, pelo contrário, o brilho do bronze fosse uma prova de vida.

Fausto

Introdução

A epígrafe do escritor Boris Fausto (2014) expressa algumas das questões que serão abordadas no presente artigo. Esse autor descreve, no livro, o dia a dia de sua visita ao cemitério onde foi, recentemente, enterrada sua esposa. Ao caminhar pelo extenso e verde gramado, como um observador sensível e atento, descreve o

¹ Psicanalista, membro efetivo com funções didáticas da SBPRP e membro efetivo da SBPSP.

ambiente com as lápides bem polidas, muitas flores vivas e coloridas, em contraste com outras flores esmaecidas, de cor “melancólica cinza”. Seus pensamentos se dirigem para a finitude da vida, que a todos espera, e ele fixa o olhar para o brilho do bronze, pois, por esse vértice, a vida ainda está presente.

O modelo literário citado remete-nos a pensar no contraste entre a Vida e a Morte (Eros e Tanatos), permite-nos refletir sobre a evolução da técnica psicanalítica para se trabalhar lutos e melancolias. Com a mente viva, temos possibilidades inatas de aprender com a experiência, diferenciando-nos dos outros animais viventes neste planeta, que nascem com suas funções previamente codificadas no seu DNA. Nós, os humanos, temos de aprender na vida o pensar/sonhar por meio da colaboração da função de *rêverie* materna, mesmo que certos condicionamentos inatos também nos digam respeito.

Em termos psicanalíticos, o trabalho de luto constitui-se de uma tarefa psíquica muito bem definida para a mente humana desempenhar, ou seja, se desligar dos mortos, das coisas mortas, das memórias saturantes, do investimento libidinal sequestrado e sequestrador. A ampliação da técnica psicanalítica na clínica atual, com a evolução das teorias de Freud, Klein, Bion e outros teóricos, tem favorecido a expansão e o número de pessoas atendidas pela Psicanálise.

Neste texto pretendo apresentar as vicissitudes de um caso clínico, em que o processo do trabalho de luto, tal como descreveu Freud (1915-17/1974), em “Luto e melancolia”, é negado (e não se processa), ilustrando as dinâmicas do “esmaecimento” das flores, em busca de trazer cor ao mundo dos vivos...

Modelo clínico: o “colecciona-dor”

O sujeito está assombrado, possuído por seus ancestrais, há muito tempo falecidos e incapaz de enterrar seus mortos, uma vez por todas.

Shakespeare

Atendi Pedro para análise, em caráter de urgência. Chegou abatido, de ombros caídos, pálido, aos 60 anos, sofrendo intensa dor mental, que o impelia a cometer suicídio. Presidiu uma empresa familiar que prosperava, quando seu irmão (cinco anos mais novo), após a morte do seu único tio paterno, recebeu dele uma herança que o elevou ao cargo de sócio majoritário. Esse fato fez com que o irmão “usurpasse” seu lugar de presidente da empresa. O pai falecera havia dez anos, e sua mãe, octogenária, é portadora de estado avançado do mal de Alzheimer.

Casado, em segundas núpcias, tem quatro filhos, sendo dois do primeiro casamento. Seu primeiro casamento entrou em colapso após o nascimento dos filhos e, diante da perda das funções mentais da primeira esposa, que adoeceu gravemente, levou as crianças para a segunda esposa criá-los. É um bom provedor para sua família. Vive um tipo de relação fusionada com a esposa e um distanciamento afetivo, empobrecido e difícil, com os filhos.

A perda de *status* na empresa intensificou em Pedro um drama interno que o levou a uma profunda depressão. Esse drama se agravou pela avidez intensa que o fazia envolver-se em briga fratricida por *status*, pelo poder e pelos bens materiais. Tal situação o impulsionava, cada vez mais, a aumentar seu acervo de sofisticado colecionador de animais vivos (aves raras, cães, peixes exóticos e animais selvagens) que Pedro acolhia numa espécie de Arca de Noé, e de objetos inanimados (tapetes, pinturas, esculturas, discos, CDs, vários aparelhos de som) que sobrecarregavam a decoração de sua casa.

O ato de colecionar, como um projeto filosófico, é uma tentativa de se organizar o caos do mundo mental, buscando seu significado oculto. No mundo mental, tal ato lembra um fenômeno que nos aponta para a discriminação entre um grupo de memórias que favorece a sanidade, e outro grupo de memórias que gera psicotização, proliferação de tramas psicóticas. Essas últimas são denominadas *memórias-arquivo* que acumulam as memórias e impedem a abertura de novos significados. As primeiras surgem espontaneamente, no decorrer da sessão analítica, e correspondem

às *rêveries* ou devaneios que, ao se manifestarem, nos permitem associações valiosas para o trabalho analítico (Bion, 1962/1991). Colecionar também pode ter um significado de luta contra o esquecimento e a morte, pois assume características de uma tarefa bíblica, como a da Arca de Noé, para evitar o desaparecimento dos seres vivos.

Alguns comportamentos, em relação ao gosto artístico, levar-nos-iam a entender o gosto de Pedro e seu refinamento. No contexto em que a arte se insere na vida do paciente, em conjunção com bichos, pedras, discos, tapetes, entre outros seres vivos/objetos a compor coleções, ressignifica-se o estético em novo campo semântico. Assim, o conjunto e a mistura dos objetos vivos e mortos, a voracidade e a avidez de reunir elementos do mundo animado e inanimado acabam por revelar não a beleza, mas o excesso, a saturação, mobilizada pelo desejo de vasculhar onipotentemente a vida como “dono” dela, sendo seu decifrador. Falta-lhe, entretanto, sentir a fruição, a duração do tempo necessário ao prazer do conhecimento, a apreensão da beleza da arte, da música, pelos sentidos. Como colecionador de discos e aparelhos de som, está sempre buscando a essência do gênio e da beleza da música. Por exemplo: A *Nona Sinfonia* de Beethoven fazia parte de seu acervo, então, colecionava vários registros e execuções de intérpretes renomados dessa peça musical. Também procurava ter aparelhos cada vez mais sensíveis e mecanicamente sofisticados, para apreender a essência da execução.

A busca incansável da descoberta do nível mais aprimorado de execução musical, a exemplo das diferentes produções de Beethoven, significa a metáfora com que ele pensa garantir a competência de suas “investigações científicas”. Conjecturo que ele acredita que, tendo todo esse domínio, chegará a decifrar o Édipo dentro de si: essa busca o levará a descobrir a “verdadeira” filiação de seu irmão, condenando-o a enxergar a verdade de suas suspeitas e, sem saída, poderá deparar-se com um suicídio/homicídio, matando-o e/ou matando-se, em um final trágico.

Em nível profundo, um ciúme intenso o impulsionava a

investigar a paternidade de seu único irmão. Queria se vingar e provar a traição da mãe como amante do tio paterno, descobrir o verdadeiro pai de seu irmão. Tinha suspeitas e “provas” que queria investigar... assemelhando-se à história de Hamlet.

Hamlet tem presente o desgosto pela morte do pai, a repulsa pelo comportamento da mãe e o ódio pelo tio – que era três vezes usurpador: do lugar do pai, do afeto da mãe, do próprio trono, provocando-lhe um estado de depressão, durante o qual, lhe é confiada, por um espectro, a missão de vingança!

Pedro estava à beira de um colapso mental, sofrendo depressão, crises de pânico, falência nos vínculos humanos, tentativa de suicídio, quando, finalmente, aceitou o tratamento analítico proposto, com a frequência de quatro sessões semanais.

Em uma das primeiras sessões, Pedro começou dizendo que sofria de insônia. Quando conseguia dormir, tinha um sonho recorrente que precisava me contar. Explicou que, no cemitério da cidade, estavam enterrados juntos, seu pai, os avós e outros parentes, inclusive um bebê natimorto que era filho seu. No sonho, havia uma espécie de capela que continha, no seu interior, várias urnas; e nelas, os mortos ainda tinham um corpo reconhecível.

Sonhou que queria “acertar umas contas com seu pai” e, para isso, ia ao cemitério, à procura do corpo dele. Entrava na capela dos mortos da família, abria uma urna e fechava, porque não era a dele; em seguida, abria outra urna, era a de sua avó e fechava; em outro dia, abria outra e encontrava a de outro parente; nunca era a do seu pai. Ele continuava sonhando esses pesadelos. Acordava frustrado até que um dia, sonhou que, ao abrir uma urna, encontrou seu pai de corpo inteiro. Deu-lhe uma surra, fechou o caixão e foi embora. A partir de então, tal sonho não mais se repetiu. Mas continuaram as insônias.

Após contar o sonho na sessão, falei que estava percebendo nele uma evolução, um progresso, pois havia “acertado algumas contas com seu pai” e, agora, poderia “tocar sua vida com mais liberdade”. Percebi nele um grande alívio, naquele momento da sessão. Ficou surpreso, pois diante de uma situação inusitada, ele

encontrou alguém que fez um juízo de esperança diante de fatos tão “surreais”. Isso determinou que ele pudesse aceitar o trabalho analítico comigo, pois já tentara em outras oportunidades, sem dar continuidade.

Ele não mais sonhou o mesmo sonho. Entretanto, dias depois, voltou concretamente ao cemitério, passando a cometer uma série de atuações, seguindo seus planos de investigar as questões da paternidade do irmão. Com esse objetivo, foi ao jazigo da família com um funcionário de sua confiança, e abriram o caixão do pai. Retirou alguns ossos, como pedaços de maxilar com dente, fios de cabelo, para fazer o DNA. Com o tio não pôde fazer o mesmo, pois este escolhera ser cremado. Captou também cabelos e células das mucosas da boca da própria mãe, ainda viva, sendo ajudado pela esposa, que também o acompanhava. Ele colhia o material (ossos) e o limpava com álcool para evitar “contaminações”. Sabemos que essa “desinfecção” não se resolve com álcool, uma vez que a contaminação é de outra ordem, pois se trata da “loucura” de se fazer uma “desinfecção dos vírus e bactérias” que vieram dos mortos, e agora estão habitando sua casa/ mente.

Tais feitos eram carregados de sentimentos ambivalentes: ao mesmo tempo que investigava, buscando a verdade sobre a traição materna, ficava com muito ódio pelo risco de perder a cabeça e matar o irmão, tornando-se um assassino; ou ainda se matar, tornando-se um suicida. Andava armado, acreditando que poderia ser morto pelos capangas do irmão ou os mataria antes, embora tentasse ocultar a guerra fratricida dos conhecidos mais próximos.

Como analista, impus limites a ele. Eu o proibi de entrar armado no consultório. Ele escondia, sob o casaco, um cinturão com armas, sempre perseguido pelo fantasma ou materialização de ações, vindas dos capangas do irmão. Logo que me dei conta desse fato, determinei que, em nosso espaço de análise, ele começasse a despojar-se desses recursos violentos, desenvolvendo a capacidade para lidar com outras possibilidades para sua saúde mental.

Em sua “pesquisa”, ele tem uma intenção voltada à vingança. Falei a ele que, além de pesquisador, ele tem uma “sentença bem

estabelecida, que não é de investigador em ciências, mas sim, uma sentença de morte. Por isso, não consegue dormir. Teme descobrir a “verdade” e isso, segundo ele, poderia aliviá-lo, mas também poderia torná-lo, através da vingança, um assassino fratricida. Estava criado, naquele momento, um círculo vicioso, terror que emanava do excesso de curiosidade, arrogância e estupidez – elementos característicos de um desastre mental (Bion, 1957/1967).

Trabalho de luto e função alfa: *rêverie* a serviço da vida

No exercício da Psicanálise, Bion (1963/1973), em *A Grade*, nos fala sobre a importância de o analista favorecer e armazenar elementos alfa, sob a forma de pensamentos oníricos inconscientes, sonhos e mitos, com a finalidade de nos nutrir, para exercermos nossa função de continente com *rêverie*. Descreve, entre outros mitos, cenas da “Cova da Morte do Cemitério Real de Ur”, destacando que nós, analistas, somos semelhantes aos saqueadores de tumbas, no modelo do Cemitério de Ur.

Por meio da função de *rêverie*² do analista, o sonhar a sessão analítica representa um acolhimento, fundamental, para se trabalhar o luto, resgatando o movimento, a vida em oposição à imobilidade, à melancolia e à morte. Esse modelo expande para outras vertentes do luto em que as perdas trabalhadas trazem à tona o viço para continuar cada trajetória humana, fortalecida, ressignificando o objeto perdido. Entre a perda da presença e a presença da perda está a função analítica (Britton, 2003).

Observando áreas de ruínas (mente primitiva), podemos utilizar o modelo da maldição para os ladrões que invadiam as tumbas buscando tesouros soterrados com os reis. Entretanto, os

² Bion (1962/1991): “O termo *rêverie* pode ser aplicado a qualquer conteúdo. Desejo reservá-lo apenas para aquele conteúdo que se combina com amor ou ódio. Usando-o em sentido restrito, *rêverie* é o estado de mente para receber quaisquer objetos do objeto amado e é capaz, portanto, de receber as identificações projetivas da criança, quer ela as sinta boas ou más. Em suma, *rêverie* é um fator de função alfa da mãe.”

Para efeito de unificar os termos, usarei *rêverie* benigna com o mesmo significado que Bion usou ao propor o termo *rêverie* materna, ou positiva, do analista e reservarei o termo *rêverie* hostil, significando a *rêverie* negativa, que o mesmo autor usou em *Cogitations*. (Ribeiro, 1999)

analistas, os arqueólogos e os cientistas estão à procura de tesouros de outra qualidade. Bion escolheu essa narrativa como modelo por possuir vívidas qualidades pictóricas (Categoria C da Grade), o que, na prática psicanalítica, é útil para construções a fim de lidar com camadas catastróficas de sofrimento psíquico. A construção usando modelos, diferentemente da interpretação, é composta de elementos oníricos que são muito mais ágeis na apreensão do material inconsciente primitivo (Sapienza, 2016).

Bion (1963/1973) escolheu alguns mitos como modelos, a fim de que o analista os disponibilizasse para o uso em funções de *rêverie* positiva ou benigna, contrapondo-se à função de *rêverie* negativa ou hostil (Ribeiro, 1999, 2017). Ele aponta para a *curiosidade estúpida* (Bion, 1957/1967) como um desastre para a mente, imagem válida para entender Pedro e para definir o trabalho psicanalítico, com o extremo cuidado de não se perder em investigações que levem a impasses ou ao trágico do reconhecimento sem saída. A Psicanálise é, essencialmente, para a vida.

Em Pedro, toda “investigação” se faz de forma secreta e concreta. Busca ajuda de um capanga para fazer a coleta de material dos corpos enterrados e tem grande temor de ser visto. Diz que, se as pessoas o vissem com ossos nas mãos, com pedaços de crânio, cabelos, iriam dizer, no mínimo, que ele era um “canibal”. Em certas ocasiões, ele próprio dizia que estava ficando louco. Ao perceber essa condição, ia construindo certa condição de pensar, de avaliar, ainda que de forma incipiente, a insensatez de suas ações.

Entre a superatividade e a inferatividade: trânsitos mentais

Um sentimento de solidão pontua a trajetória existencial desse paciente. Quando tinha oito anos de idade, Pedro teve uma pneumonia que complicou com septicemia, deixando-o em coma por uma semana, internado em UTI. Chamaram a família e, diante de todos, o padre lhe deu a extrema-unção. Nesse dia, estando “no leito de morte”, sentiu que estava “levitando”. Olhava do alto para os parentes, sentindo-os indiferentes à agonia dele, incluindo seus pais. A partir de certo momento, percebeu-se numa encruzilhada:

entre a vida e a morte, numa dor de solidão profunda. Havia no local uma “freirinha-mãe” que o medicava, alimentava e cuidava pessoalmente dele. Nessa parceria, ele pôde agarrar-se à vida e sobreviver. Quando me contou esse episódio emocionou-se, chorando copiosamente. Falei a ele que se emocionava por ter encontrado em mim alguém que o compreendia, e que tal qual a “freirinha-mãe” o estava ajudando a se alimentar, só que desta vez em nível mental.

Tais vivências desde sua infância, em estado de extrema solidão, em meio à família e ao seu entorno, o põem, muitas vezes, a elevar-se a uma posição superativa, como descreveu no fenômeno de levitação e, a seguir, a descer ao espaço inferativo/arrogante, ao mundo dos mortos (depressão), que o faz, hoje, transitar em ambientes insólitos. Se ele viveu e sentiu a “levitação”, esta é equivalente, para ele, à sensação “da descida ao Hades”. Configura-se como um fato concreto, um contato familiar com a “quase morte”, quebrando os limites segundo os quais os vivos circulam e os mortos confinam-se. Segundo sua fantasia onipotente inconsciente, os corpos dos mortos da família não se decompõem.

A descida ao Hades, mundo dos mortos, tem na literatura clássica e em suas reescrituras, diferentes versões, invariantes na estrutura profunda de significação. Descer “aos infernos” é, na *Odisseia*, de Homero, (2001), buscar decifrar o que é obscuro e poder contar com a colaboração dos mortos. O objetivo de Ulisses, por exemplo, é encontrar Tirésias, que habita a região subterrânea – o Hades. O tesouro que lá se esconde é o adivinho cego que pode organizar a travessia de Ulisses para sua volta à terra natal. No diálogo em que o herói grego “escuta” a fala do adivinho, há a indicação dos passos seguintes que, elaborados na mente do “viajante”, o põem a continuar seu percurso com êxito.

O trabalho analítico, vencendo as maldições do Cemitério de Ur, tem, no encontro do herói grego e do adivinho cego, Ulisses e Tirésias, o modelo de uma forma de lidar com o limiar entre vida e morte, em busca de sobrepor a primeira à segunda, sem excluí-la. Mas Pedro, ao contrário, era mais resistência do que escuta! Senti

que precisava ser uma analista que, como o pai de Hamlet, infiltrava na pele do espectro para ir em busca de verdades, desarmando questões de melancolia, paranoia, morte. Eu dizia a ele:

Você está encontrando uma analista que está conseguindo fazê-lo continuar sentindo e pensando, oferecendo-lhe nutrição mental para conseguir sonhar sonhos e não sonhar pesadelos.

Desse modo, Pedro transita entre a vida e a morte em coexistência, sem sentir que há uma identidade de vida e um outro estado material de morte, de finitude. Não sabe lidar com a cesura de morte. Embora, esteja em nós, viventes, o princípio de Eros e Tânatos, há um momento em que este, dominante em certo sentido, se impõe como finitude. Para Pedro, o espaço superativo dos vivos e o inferativo dos mortos necessita ser devidamente nomeado, simbolizado, para assim, ele poder ganhar trânsito interno e permitir-lhe visitar objetos internos (funções de personalidade) presentes na inferatividade do Hades, bem como na superatividade da levitação, em busca de sua capacidade para sonhos e transformações em pensamento.

Considerações finais

Pedro é órfão desde que nasceu. Não reconhece a mãe como MãE, chamando-a de “a velha”. Odeia o pai a ponto de violar seu túmulo para surrá-lo (sonho). No entanto, ele mesmo é um pai capaz de “roubar” os próprios filhos de seu primeiro casamento para criá-los com a segunda esposa. Seria sinal de ser um bom pai? Um homem capaz de restaurações? Ele mesmo tem suas dúvidas sobre isso, não acredita nisso, apesar das evidências de sentir ter uma família atual “quase” em harmonia.

A capacidade de restauração viva contrasta com a do colecionador. Penso que suas coleções são dinâmicas obsessivo-compulsivas que visam a criar um *splitting forçado*: onde não há afetos, que haja coisas (Bion, 1962/1991). Mas, que afetos lhe faltam? Ele é um ser carente querendo chamar atenção da mãe para ser amado. Essa dinâmica de sedução/encantamento para ser amado aparece nas primeiras sessões: ele tenta encontrar a analista

exibindo toda a sua capacidade de colecionador, de ser ótimo empreendedor de negócios e, assim, obter raros objetos de arte... Depois de tudo isso, aparece um vazio, que em parte é devido ao *splitting forçado*: o que ele mais quer e precisa é do amor dos pais, mas este é substituído por “coisas de valor”; mas mesmo estas, não são de tanto valor assim, porque são apenas “coisas”.

Quando ele se dá conta, a vida passou... e lhe aparecem apenas dois “seres”, como se lhe restassem somente duas dimensões sem sua mente: um está com 60 anos, regredido, tentando encantar a analista-mãe com sua inteligência; o outro, um autodidata solitário com grande sensibilidade. Mas quando se volta para si mesmo, sente-se uma “farsa”, um *falso self*, e aparece um terceiro, um velho desistindo da vida, querendo se matar para descansar do martírio de não conseguir ser uma pessoa comum. O suicídio seria uma maneira de tentar acabar com o *falso self* de um “coleccionador”, incapaz de colecionar vida.

Pedro se dá conta da sua finitude, assemelhando-se a Hamlet, de Shakespeare (1975), em que a imagem visual mais significativa da peça está no Ato 5, quando Hamlet se encontra com os coveiros que estão retirando uma ossada antiga para preparar uma nova cova e, diante do crânio do bobo da corte Yorick (ali enterrado), interpreta o encontro com a mortalidade humana e a inevitabilidade da morte, reiterada dentro dele: “ser ou não ser, eis a questão! ”.

Ele também me lembrou o personagem do livro *Todos os Nomes*, de José Saramago, (1997), que colecionava os vivos e os mortos de seu arquivo e misturava-os, enlouquecendo de solidão, pois não conseguia fazer uso das pessoas vivas que o cercavam. Também, ao desejar ser uma “pessoa comum”, remete ao mito de Jesus em *A Última Tentação de Cristo*, tão bem descrito por Nikos Kazantzakis (1988), e ainda, ao poeta Fernando Pessoa (1986), em *Guardador de Rebanhos*, Alberto Caeiro, parte VII. Em interação com o escritor grego contemporâneo, Caeiro elege Jesus Cristo, novamente humanizado, deixando o espaço transcendente onde Deus habita, distante dos homens. Nessa perspectiva, o poeta se identifica com a vida pulsante de Cristo, a seu lado, fundamental

para inspirá-lo em sua Arte. E deseja que, ao morrer, esse “Menino” lhe conte histórias sem fim³.

Penso que Pedro precisa de *holding* e *continência com rêverie* (Winnicott, 1945/1978; Bion, 1962/1991; Sapienza, 2016). Ao conseguir estabelecer uma transferência benigna e revisitar as funções de mãe e/ou pai, que ele acha que nunca teve na vida, abrem-se possíveis perspectivas para ele alcançar sua dimensão humana: ser quem se é, apenas.

No presente artigo, em que me proponho a discutir as vicissitudes do luto na clínica contemporânea, já se vão constituindo condições, ainda que incipientes, para o paciente Pedro buscar transcender seus impulsos destrutivos e paralisantes. No universo em que vivemos, parece que a oportunidade para a “curiosidade” não tem fronteiras, nem limites, como vimos no caso clínico apresentado. Como analistas, há o risco de, algumas vezes, tentarmos produzir um número ilimitado de teorias, favorecendo, também, em nós, um acréscimo de *memória-arquivo*, ficando a mente analítica saturada, com pouco espaço para o livre sonhar/pensar restaurador e revigorante.

O analista, através da *função alfa* e da sua função de *rêverie*, elabora com o paciente a transcendência da *memória-arquivo* para a *memória-sonho*, usando mitos, sonhos, poesias, pinturas e outros meios –, sempre necessários para transpor a saturação. O par analítico vai “limpando o campo” para fazer novos plantios. Há, todavia, situações em que a memória emperra, cristaliza a narrativa, faltando espaço para fazer emergir a vida, abrindo espaço para a instalação da depressão, da melancolia e das mais diversas paralisias mentais.

Elaborar luto, nessa perspectiva, é transcender a saturação, encontrando frestas por onde se possam recriar experiências emocionais como vetores em direção a novas elaborações. O trabalho de luto é essencialmente necessário para reconfigurar a

³ A sétima parte de “O Guardador de Rebanhos”, ao final do poema, contém os seguintes versos: “Quando morrer, filhinho, / Seja eu a criança, o mais pequeno, / Pega-me tu ao colo / E leva-me para dentro da tua casa.” (p. 210)

perda, o vazio, de diferentes ordens, e mobilizar os recursos internos para olhar o presente e o futuro.

Entre as flores esmaecidas e o bronze que brilha, admitir a finitude é poder olhar o brilho. No setting analítico, dois seres estão vivos e é da vida que estamos cuidando.

La historia de un coleccionador: de las memorias-archivo en dirección a las memorias-sueño

Resumen: La autora del presente trabajo parte de una vivencia clínica inusitada que ha tenido con un analizando capaz de exhumar los cuerpos de sus antepasados, igual que en el mito del Cementerio Real de Ur, descrito por Bion, para realizar conjeturas al respecto de las vicisitudes del trabajo de duelo en la clínica contemporánea. Ha utilizado modelos literarios y míticos para reflexionar sobre la importancia que tiene la capacidad del analista de cultivar un libre tránsito mental para lograr colaborar con el analizando para poder trascender desde las memorias-archivos (saturadas y que saturan) hasta las memorias-sueño (libres y libertadoras).

Palabras clave: duelo; rêverie; curiosidad estúpida; memoria-archivo; memoria-sueño.

The story of a collector: file-memories towards dream-memories

Abstract: The author starts from an unusual clinical experience with an analysand capable of exhuming their ancestors bodies, just like in the myth of the Royal Cemetery at Ur, described by Bion, in order to weave conjectures on the vicissitudes of the mourning work in the contemporary practice. She makes use of literary and mythical models to conjecture on the importance of the analyst's capability of cultivating free mental traffic to cooperate with the analysand towards transcending from file-memories (saturated and saturating) to the dream-memories (free and liberating).

Keywords: mourning; rêverie; stupid curiosity; file-memory; dream-memory.

Referências:

Bion, W. R. (1967). On arrogance. In: W. R. Bion *Second thoughts*. Londres: W. Heinemann. (Trabalho original publicado em 1957).

_____. (1992). *Cogitations*. London: Karnac Books. (Trabalho original publicado em 1960).

_____ (1991). *Learning from experience*. London: Maresfield Library. (Trabalho original publicado em 1962).

_____ (1973). A Grade. In: *Revista Brasileira de Psicanálise*, (Vol. 7(1), 102-129). (Trabalho original publicado em 1963).

Britton, R. (2003). *Crença e imaginação*. Rio de Janeiro: Imago.

Fausto, B. (2014). *O brilho do bronze [um diário]*. São Paulo: Ed. Cosac Naif.

Freud, S. (1974). Luto e melancolia. In: S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (271-291)*. (J.Salomão, Trad.). (Vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915-17).

Homero. (2001). *Odisseia*. São Paulo: Penguin Classics; Companhia das Letras.

Kazantzakis, N. (1988). *A última tentação de Cristo*. Rio de Janeiro: Rocco.

Pessoa, F. (1986). Poemas completos de Alberto Caeiro. In: *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.

Ribeiro, M. M. M. (1999). Rêverie hostil e rêverie benigna: estudo clínico do fenômeno da rejeição e sua correlação com a noção de rêverie proposta por Bion em sua obra. In: *Revista Brasileira de Psicanálise*, (Vol.33(3), 431-47).

_____ (2017). Revisitando o conceito de rêverie hostil e rêverie benigna. In: *Berggasse19*, Revista de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (Vol.7(2),53-72). Ribeirão Preto: São Francisco G.E.

Sapienza, A. (2016). *Reflexões teórico-clínicas em psicanálise*. São Paulo: Blucher.

Saramago, J. (1997). *Todos os nomes*. São Paulo: Companhia das Letras.

Shakespeare, W. (1975). *Hamlet, Othello*. Lisboa / São Paulo: Ed. Verbo. (Trabalho original publicado em 1676).

Winnicott, D. W. (1978). *Textos Selecionados: da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: F. Alves. (Trabalho original publicado em 1945).

Martha Maria de Moraes Ribeiro

Endereço: Rua Franklin de Sousa Meirelles, 221, Jd. Canadá. Ribeirão Preto/SP.

CEP:14024-060

Tel.: 16 3623-4769.

E-mail: marthamr@terra.com.br

Editora: Sônia Maria de Godoy